



A Eliminação de Aline Patriarca no BBB 2025: Uma análise a partir da Cultura do Espetáculo¹

Aline Patriarca's Elimination from BBB 2025: An Analysis Based on the Culture of the Show

Thaís Souza Dias
Henrique Ferreira da Silva

Palavras-chave: cultura do espetáculo; racialização; Big Brother Brasil

1. Introdução

O Big Brother Brasil 25 (BBB 25), destaca-se por nova dinâmica e pela estreia de Dourado na direção do programa. Segundo o portal Meio & Mensagem, ele segue como o reality show mais consumido pelos brasileiros. No entanto, a 25ª edição registrou o pior desempenho da história do programa, com média de 16 pontos de audiência.

O foco recaiu sobre o desempenho, mas essa edição evidenciou o modo como participantes negros continuam sendo alvo de rejeições que transcendem o jogo, revelando lógicas racistas de julgamento simbólico. A presença ampliada de pessoas negras no elenco, celebrada como sinal de representatividade, revelou-se insuficiente diante das imagens de controle historicamente publicizadas (Collins, 2009). Este trabalho parte da eliminação de Aline Patriarca para analisar como a lógica do espetáculo, segundo Debord (1997), oferece subsídios para pensar a estrutura e racialização da percepção pública em torno dos corpos negros no entretenimento televisivo, a partir da interação transmidiática no X e no Instagram, tendo como objetivo compreender como a lógica do espetáculo televisivo estrutura a rejeição pública de corpos negros dissidentes.

2. Metodologia

¹ Trabalho apresentado ao VII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.



Esta pesquisa adota abordagem qualitativa, com foco na análise das narrativas construídas em torno da participação e eliminação de Aline, a partir da circulação. Inspirado na análise de discurso midiático, o estudo busca compreender como se articula a representação de corpos negros em produtos de entretenimento televisivo e de que forma essa representação é atravessada por estigmas raciais historicamente sedimentados.

Este estudo analisa registros audiovisuais do BBB 25, veiculados pela TV Globo e Globoplay, além de conteúdos publicados no X e Instagram, com foco na representação de Aline. A investigação se organiza em três eixos: a construção midiática da imagem da participante, a recepção do público e os sentidos produzidos em torno de sua eliminação. Fundamentada em autores como Hall (2003; 2016), Debord (1997), Bauman (2005) e Sodré (2002), a análise evidencia como a lógica do espetáculo reitera narrativas de exclusão racial, mesmo sob o discurso da diversidade, ao reforçar estigmas e arquétipos sobre corpos negros. O objetivo é compreender como essas representações circulam, são interpretadas e mobilizam disputas simbólicas no imaginário social brasileiro.

3. Espetáculo e Subjetividade

Debord (1997) propõe que a vida social contemporânea se organiza como uma sucessão de espetáculos, em que a experiência direta é substituída por representações. O BBB, enquanto produto de ampla audiência e caráter transmidiático, exemplifica essa lógica ao converter participantes em personagens e suas vivências em narrativas encenadas. Nesse contexto, estereótipos operam como dispositivos de controle simbólico, moldando a presença e o desejo em torno dos corpos negros.

No caso de Aline, observou-se a ativação do estereótipo da mulher negra intensa e combativa — traços que, quando associados a corpos brancos, tendem a ser valorizados como força ou autenticidade, mas que, em corpos negros, operam como marcadores de rejeição social. Essa construção simbólica é reforçada por diferentes dispositivos narrativos do programa, como a apresentação inicial da participante, a estrutura da competição, as estratégias de edição, o discurso do apresentador e as dinâmicas das redes sociais. Esses elementos, articulados, contribuem para a fixação da imagem de Aline no arquétipo da “mulher negra raivosa” (Hall, 2016; Collins, 2009), fragilizando sua subjetividade no imaginário do público.



A estrutura narrativa do programa frequentemente se apoia em arquétipos simbólicos - imagens universais do inconsciente coletivo propostas por Jung (1981) e posteriormente adaptadas ao campo da comunicação por Pearson (1991). Contudo, no caso das representações negras, esses arquétipos não se aplicam de forma equânime, uma vez que a racialização opera a partir de estereótipos enraizados no imaginário colonial. Tal assimetria sugere que a lógica de seleção e engajamento do programa permanece orientada por uma normatividade branca, voltada majoritariamente para públicos, participantes e anunciantes brancos.

4. Racialização e Mídia

A sociedade midiática contemporânea reatualiza esses arquétipos em confronto com os estereótipos predominantes. Sodré (2006) argumenta que a mídia funciona como um espelho que deforma e reorganiza elementos do imaginário coletivo, amplificando signos e significados que reforçam hierarquias raciais. No caso do BBB, a visibilidade negra continua condicionada à aceitação de papéis específicos, tais como as “mommies” e os “bad bucks”, expostos por Hall (2016). Aspecto evidenciado quando voltamos o olhar para as pessoas negras que estiveram no pódio do programa e como o público as categorizou. Hall (2016) propõe que a representação é um processo ativo de construção de significados e não uma simples reprodução da realidade. A mídia, então, participa da produção simbólica de identidades ao fixar sentidos e marcar diferenças. No caso das representações raciais e a estereotipagem:

Estes se apossam das poucas características “simples, vívidas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas” sobre uma pessoa; tudo sobre ela é reduzido a esses traços que são, depois, exagerados e simplificados. Este é o processo que descrevemos anteriormente. Então, o primeiro ponto é que a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a “diferença” (Hall, 2016, p. 191).

Essa lógica se intensifica quando observamos como Aline foi representada durante o programa: reduzida a uma figura agressiva. Mesmo quando suas atitudes estavam ancoradas em argumentos, a leitura predominante era de descontrole.

5. Prazer e Linchamento



Os paredões se estruturam como ritual coletivo de julgamento. Aline foi a 12ª eliminada do programa, com 51,73% da média de votos, sendo eles 45,10% de voto único por CPF e 58,36% voto de torcida. Seu principal adversário teve 53,32% dos votos por CPF e 41,36% de votos da torcida. Aline foi indicada ao paredão pela líder da semana, *sister* que recebeu o privilégio de ir para a “Vitrine do Seu Fifi” e, na dinâmica, mobilizou sua torcida para eliminar Aline. Essa união pode evidenciar como, em contextos marcados pela fragilidade e liquidez, há uma tendência coletiva de buscar segurança por meio da culpabilização do outro — um mecanismo que, segundo Bauman (2005), oferece alívio simbólico ao reafirmar certezas morais. Neste sentido, para Hall, a própria estereotipagem é fator essencial na “manutenção da ordem social e simbólica” (2016, p. 192). Ou seja, é possível inferir que a presença predominante e protagonista do corpo negro no espetáculo desestabiliza o ideal da branquitude², o que gera reação de reiteração da norma - como um constante lembrete de quem detém o poder.

A rejeição de corpos negros nos realities acompanha essa lógica. O histórico do programa mostra que os participantes negros são, em sua maioria, eliminados com rejeição. Dentre os 10 participantes com maior índice 6 são negros, sendo que a porcentagem de participantes negros e pardos ao longo da história do programa é de aproximadamente 30%. Além disso, frequentemente são associados e fixados a estereótipos negativos como “vilã”, “barraqueira”, “inconveniente” ou “manipulador”.

Complementando essa perspectiva, Thompson (1995) vai apontar o escândalo como um ritual moderno de degradação pública. Segundo ele, a mídia expõe falhas em larga escala, o que intensifica o prazer e o desejo coletivo de contribuir com a queda do outro. A dinâmica da vitrine foi criada, justamente, visando o escândalo. Buscando, através dele, engajar o público, ao intensificar o desejo de eliminar - uma vez que a leitura que se fazia fora do programa era de uma temporada amena e sem embates. A participação de Aline foi atravessada por essa proposta: sua postura firme e seu enfrentamento foram ressignificados como soberba e agressividade, alimentando o escândalo e findando na sua eliminação.

² Campos (2023) aciona a branquitude “como uma relação de poder que se constitui numa verdade e num locus de anterioridade às relações sociais em que através do processo de presentificação pelos Colonialismos garante sua agência e permanência na gestão da modernidade ocidental.”



Neste ponto, buscamos, a partir do acionamento posterior da ideia de escândalo, explorar a subjetividade de seu fim simbólico: a eliminação. Hall (2026) traz o texto “Leitura do Fetichismo Racial”, de Kobena Mercer que analisa a obra de Mapplethorpe sob a ótica de Metz (1985) - que invoca o efeito residual de morte na representação da imagem de pessoas negras por pessoas brancas:

Nós não somos convidados a imaginar suas vidas, histórias ou experiências, pois eles estão silenciados como sujeitos em si mesmos e, de certa forma, sacrificados no pedestal de um ideal estético para afirmar a onipotência do principal sujeito, cujo olhar tem o poder da luz e da morte (p. 253).

A eliminação de Aline remete a desejos sociais mais profundos, vinculados à estruturação do racismo simbólico. Apesar disso, os discursos oficiais da eliminação exaltaram sua trajetória como exemplar, o que levanta uma questão fundamental: o que, de fato, a eliminou? Debord (1997) ao nos apresentar a sociedade espetacular diz que “o espetáculo é o discurso ininterrupto que a ordem presente faz sobre si própria, o seu monólogo elogioso. É o autorretrato do poder no momento da sua gestão totalitária das condições de existência” (p. 21). Por trás dessa encenação, escondem-se relações sociais mediadas por estruturas de poder.

6. Considerações Finais

O BBB 25 contou com maioria negra no elenco (cerca de 60%). Porém, os dados de rejeição indicam que os participantes negros continuam a ocupar posições mais penalizadas pelo público. A diversidade, portanto, funciona como um marcador simbólico que mascara a manutenção de desigualdades. Como sintetiza Hall (2003), a inclusão simbólica pode ser, ao mesmo tempo, um modo de reconhecimento e um modo de regulação. A inclusão de Aline no programa não implicou em liberdade narrativa. Pelo contrário: sua presença foi julgada como ameaçadora - reduzida ao estereótipo - e eliminada.

Com o regime transmidiático, o reality tornou-se campo de disputa simbólica. Nas redes sociais o público se divide; No X figuras como Aline Mattos resgatam criticamente o histórico de rejeição de mulheres negras no programa. Enquanto no Instagram a audiência demonstra-se focada nas rivalidades, com pouca reflexão sobre os vieses estruturais da eliminação.



Essa eliminação evidencia como o discurso da diversidade, ainda que presente, não impede a reprodução de lógicas simbólicas de exclusão. O espetáculo midiático seleciona quais corpos e narrativas são legitimados, punindo aqueles que desafiam normas raciais e comportamentais estabelecidas. Refletir sobre esse caso implica repensar a representatividade para além da presença numérica, tensionando os limites das narrativas autorizadas e questionando o papel da mídia na construção de subjetividades negras que escapem à lógica do controle e da punição simbólica.

Referências

BAUMAN, Z. Vidas desperdiçadas: a modernidade excluídos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAMPOS, D. M.C. Revisionismo, Separatismo e Xenofobia: pensando a branquitude a partir do RS. In: 32º Encontro Anual Compós, 2023, São Paulo. ANAIS DO 32º ENCONTRO ANUAL COMPÓS. Campinas: Galoá, 2023a.

CAMPOS, D. M. C PENSANDO BEM. Porto Alegre, 2023.b. Entrevista. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=WEVgMoNEjvl&t=1012s>. Acesso 25 nov. 2024b.

COLLINS, P. H. Aprendendo com outsider within. Sociedade Estado, p. 99-127, 2016.

DEBORD, G. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

HALL, S. Da diáspora: identidades mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALL, S. Cultura e representação. Organização e revisão técnica Arthur Ituassu; tradução de Daniel Miranda William Oliveira. Rio de Janeiro: Apicuri; PUC-Rio, 2016.



**Anais de Resumos Expandidos
VII Seminário Internacional de Pesquisas
em Mídia e Processos Sociais**

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 7 (2025)

JUNG, C G. Os arquétipos e inconsciente coletivo. Petrópolis: Vozes, 1981.

LO-BIANCO, A. BBB25 chega metade e larga discretamente termo ‘Big dos Bigs’. Lobianco, 22 mar. 2025. Disponível <https://lobianco.ig.com.br/2025-03-22/bbb25-abandona-termo-big-dos-bigs.html>. Acesso em: 30 abr. 2025.

MEIO & MENSAGEM. BBB é reality show favorito dos brasileiros, indica pesquisa. Meio & Mensagem, São Paulo, 8 jan. 2025. Disponível: <https://www.meioemensagem.com.br/midia/bbb-e-o-reality-show-favorito-dos-brasileiros-indica-pesquisa>. Acesso 30 abr. 2025.

MERCER, K. Leitura do fetichismo racial. In: HALL, Stuart (Org.). Espetáculo do Outro. Tradução de Daniel Miranda William Oliveira. Rio de Janeiro: Apicuri; PUC-Rio, 2016. p. 243–267.

METZ, C. Photography and Fetish. October, n 34, 1985.

PEARSON, C S. O Despertar Herói Interior: 12 arquétipos vivem nós. São Paulo: Cultrix, 1991.

SODRÉ, M. Antropológica do espelho: uma teoria comunicação linear em rede Petrópolis Vozes, 2002.

THOMPSON, J B. A mídia e modernidade: uma teoria social mídia. Petrópolis: Vozes, 1995.